

A REPRESENTAÇÃO DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

*Allyne Cupertino Lopes de Santana**

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo avaliar e compreender como o professor universitário se representa em seu papel, ou seja, em sua função docente, e como a sociedade contemporânea o percebe. Para tanto, buscamos através da análise da teoria das representações sociais o entendimento de como olhamos de forma apropriada para esse professor universitário e o que seus alunos, bem como a sociedade em geral pensam sobre o seu papel, suas funções e seu desempenho. Encontramos na Análise Qualitativa o procedimento metodológico mais apropriado a ser realizado nesta pesquisa. Metodologicamente falando iremos buscar e abordar esses dados, através da realização de questionários com professores e alunos universitários para que através de suas respostas, pudéssemos interpretá-las, à luz da teoria das representações sociais. Analisaremos o material na tentativa de revelar como os alunos e os próprios professores concebem o papel, função e desempenho na vida acadêmica. Assim apontamos a construção do papel do docente universitário.

1

PALAVRAS-CHAVE

Representação Social; Docência universitária; Sociedade contemporânea.

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema proposto “A representação do professor universitário na sociedade contemporânea” surgiu nas discussões em sala de aula no curso de pós-graduação de Docência na Educação Superior, mas especificamente na discussão do texto de Castanho¹ que tem por título “Sobre

* A autora é graduada em Ciências Sociais (2007) pela Universidade Federal de Sergipe (UFS) e pós-graduada em Docência na Educação Superior (2013) pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

professores marcantes”. A partir da reflexão desse texto se originou o desejo de investigar mais sobre o que o docente universitário representa na sociedade, assim como seu papel.

Sendo assim, o objetivo deste artigo é o de compreender como o professor universitário se representa em seu papel, ou seja, em sua função docente, e como a sociedade contemporânea o percebe. Buscamos na teoria das representações sociais, a compreensão de como olhamos para esse professor e o que seus alunos e a sociedade em geral pensam sobre seu papel e suas funções. As representações sociais orientam as práticas educativas do docente a todo o momento, e é através de seu estudo que essas práticas serão aprimoradas.

Assim como vivemos num mundo regado de representações, o professor e sua função também estão inseridos no universo dessas representações. Para o estudo da teoria das representações sociais nos utilizamos de autores que contribuíram para o tema posto em questão. Dentre eles colocamos em destaque os autores Serge Moscovici, Márcio Oliveira, Celso Sá, Silvia Lane, Peter Berger e Thomas Luckmann.

Os discursos dos professores e alunos serão analisados e interpretados numa tentativa de conhecer o papel do docente universitário a partir das representações sociais que os alunos e eles mesmos fazem de si. Os dados coletados serão as respostas dos questionários realizados com professores e alunos universitários. A partir das respostas dos questionários, construímos, de acordo com a teoria das Representações Sociais, a percepção que os alunos e professores apresentam sobre o professor universitário, bem como a visão que a sociedade em geral tem do mesmo.

A pesquisa aqui apresentada irá revelar, em sua conclusão, as principais características e importância do professor universitário que expressam a percepção que a sociedade tem sobre o exercício da docência universitária. Também serão apontadas questões sobre a profissionalização do docente, sua influência na formação do discente, entre outros pontos relacionados que definirão o seu papel.

¹ CASTANHO, S. Sobre professores marcantes. In.: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (orgs). *Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior*. Campinas: Papyrus, 2001.

1 A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DO PROFESSOR UNIVERSITÁRIO

1.1 O SER PROFESSOR

Para Snyders² ser professor é uma união de competência, convicções e experiências de vida. Para ele, os professores são como intérpretes que precisam fazer com que o conteúdo seja acessível ao aluno. Freire diz que “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. É por isso que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo relativo”.³

Mas não há aprendizagem sem estudo, sem pesquisa. É preciso dedicação e esforço. Ainda existem poucos estudos sobre os adultos, quer sejam professores, quer sejam alunos, sendo que o professor é um adulto que ensina e o aluno universitário um adulto que aprende. Na verdade é uma troca de conhecimento nesse processo de ensino-aprendizagem. Por isso a importância de mais uma colaboração nesse universo de pesquisa.

Castanho⁴ levanta questões sobre os professores marcantes. Professores marcantes são poucos, são inesquecíveis. O importante é a postura educadora de cada professor. Um professor marcante é aquele que conhece bem sua área, que domina sua matéria, que promove interação entre os alunos, que não promove apenas aulas expositivas, mas trabalha com técnicas que estimula a independência dos alunos, que planeja suas aulas evitando situações constrangedoras, que utiliza de posições interacionistas, que articula as posições teóricas na disciplina ensinada.

Castanho faz um convite para que cada professor torne-se marcante e inesquecível na vida de seus alunos.

² SYDERS, 1995 apud CASTANHO, *Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior*. Campinas: Papyrus, 2001.

³ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 25.

⁴ CASTANHO, S. Sobre professores marcantes. In.: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (orgs). *Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior*. Campinas: Papyrus, 2001.

O professor é um artesão numa prática pessoal, integrando as várias contribuições das várias disciplinas, capaz de auto-observação, auto-avaliação e auto-regulação. Ensina a caminhar com passos firmes e também ensina o fascínio do ousar. Ensina trilhas e desenvolve o atrevimento de sair das trilhas aprendidas.⁵

O autor também revela o desafio de atingir as habilidades de um professor marcante. Embora não sejam habilidades inatingíveis. Essas habilidades estão relacionadas com a própria pessoa do professor, ou seja, quem ele é. O que cada um ensina é a representação do que ele é quando ensina. O professor tem seus anseios, dúvidas, medos, inseguranças, sonhos, desesperanças e esperanças. Características que não fazem dele um super-herói, apesar da incessante busca pela verdade mesmo com todas as dificuldades.

Essa temática pode ser relacionada com o filme “Sociedade dos Poetas Mortos”.⁶ O filme nos remete a essas possibilidades e percepções acerca da sociedade em que vivemos. Fica claro, tanto no filme quanto no texto, que é papel do professor caminhar ao lado de seu aluno, estimulá-lo, oportunizar a busca dos seus próprios ideais, mesmo que a cultura escolar e a sociedade em geral digam o contrário. Se o professor tiver preparo e for ele mesmo, com suas aptidões e anseios, isso pode se tornar realidade.

A educação exige seu reconhecimento como ideológica. Ideologia esta que corre o risco de paralisar, confundir e distorcer os pensamentos e os fatos. Mas é preciso ficar atento para que nenhum desses fatores possa “transgredir” a preciosa ética tão debatida por Freire. Ética que não pode ser colocada de modo irresponsável na prática docente, pois o professor lida com outras pessoas, o que é relevantemente adorável. “A prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”.⁷

⁵ Ibid., p.162.

⁶ WEIR, Peter. *Sociedade dos Poetas Mortos*. Produção de Peter Weir. EUA: Abril Vídeo, 1989. Filme (128 minutos).

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 140.

Na tentativa de compreender como se institui esse professor, enquanto professor marcante, buscamos na teoria das representações sociais, o entendimento de como olhamos para esse professor e o que pensamos sobre seu papel.

1.2 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Moscovici inicia o estudo do fenômeno chamado de representações sociais e com ele um enorme campo de estudos psicossociológicos. Ele diz que as representações sociais são:

fenômenos que necessitam ser descritos e explicados. São fenômenos específicos que estão relacionados com um modo particular de compreender e de se comunicar – um modo que cria tanto a realidade como o senso comum. É para enfatizar essa distinção que eu uso o termo “social” em vez de “coletivo”.⁸

Existe uma sutil diferença entre esses dois termos, “pois ambos revelam a dimensão plural das associações humanas e a presença das ideias gerais (ou ‘forças coletivas’) no seio da sociedade”.⁹ Na verdade, só houve a substituição de um termo por outro a fim de estabelecer uma distinção teórica em relação a Durkheim. Nem mesmo o próprio Moscovici teve a intenção de distingui-los: “não espere que eu jamais seja capaz de explicar a diferença de ‘coletivo’ e ‘social’. [...] porque eu não as encontro em nenhum trabalho de qualquer pensador digno de consideração, inclusive Durkheim”.¹⁰

Moscovici criou teorias para as representações sociais que são aceitas até hoje. Uma delas foi a da “objetivação” e a da “ancoragem”. O autor diz que objetivação e ancoragem são maneiras de lidar com a memória. Na primeira a memória é direcionada para fora e tira “conceitos e imagens para juntá-los e reproduzi-los no mundo exterior, para fazer as coisas conhecidas a partir do que já é conhecido”.¹¹ Ou seja, dá sentido a um objeto abstrato. Na segunda a

⁸ MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 49.

⁹ OLIVEIRA, Márcio. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 180-6, jun. 2004, p.184.

¹⁰ MOSCOVICI, Serge, op. cit., p. 348.

¹¹ MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Rio de

memória é direcionada para dentro, “está sempre colocando e tirando objetos, pessoas e acontecimentos, que ela classifica de acordo com um tipo e os rotula com um nome”.¹² Desse modo a ancoragem proporciona um contexto inteligível ao objeto, dá sentido a sua figura, podendo assim, interpretá-lo.

Outro importante aspecto da teoria apresentada por Moscovici é o que revela que o objetivo de toda representação social é tornar “familiar” algo “não-familiar”. Para ele, nos universos consensuais todos querem se sentir em casa, tudo está inserido na tradição de suas crenças e interpretações. É conveniente que sempre aconteçam as mesmas situações. Por isso considera-se como dinâmica de “familiarização”, como consequência, “a memória prevalece sobre a dedução, o passado sobre o presente, a resposta sobre o estímulo e as imagens sobre a ‘realidade’”.¹³ O não-familiar é o incomum, o anormal, é a “presença real de algo ausente, a ‘exatidão relativa’ de um objeto”.¹⁴

Tanto o indivíduo quanto a sociedade em geral não são movidos pela realidade, mas pelo que essa realidade representa, ou seja, pelas representações sociais. Existe uma relação entre realidade e diversidade, pois a representação da realidade tem como base a diferença entre os grupos. É a partir da descoberta das divergências que os grupos vão se identificando e são assim formados.

Sá¹⁵ diz que conceituar a teoria das representações sociais é tão difícil que vários autores não começaram falando diretamente sobre este assunto, mas preferindo fazer uma espécie de “preparação indutiva do leitor”. Outra forma de caracterizar a teoria das representações sociais, segundo Sá¹⁶ está no levantamento de assuntos ou objetos que já têm sido estudados, como por exemplo, a saúde, a justiça, a violência, o trabalho, o desemprego, os conflitos sociais, etc. Aspectos que despertam o interesse e a curiosidade das pessoas em geral. Alguns desses aspectos podem ser divididos para melhor serem investigados.

Janeiro: Vozes, 2003, p. 78.

¹² Ibid.

¹³ Ibid., p. 55.

¹⁴ Ibid., p. 56.

¹⁵ Sá, Celso P. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 30.

¹⁶ Ibid., p.36.

A opinião da sociedade sobre determinados assuntos em relação aos objetos sociais aos quais elas estão envolvidas não é uma mera opinião aleatória ou isolada. Para chegar a essa opinião, o indivíduo teve que articular e combinar vários questionamentos, criando uma lógica própria, com várias implicações, incorporando valores e experiências vividas individualmente ou em grupo. Isso pode acontecer em qualquer lugar sem a menor pretensão de que dali sairá uma teoria. Depois de todo esse processo, esse mesmo indivíduo socializa sua opinião, agrega seus valores e o de outras pessoas que passaram pelo mesmo processo. Esse conjunto de ideias do senso comum transformadas em conceitos, afirmações e explicações é o que caracteriza as Representações Sociais.¹⁷

Lane também traz uma excelente contribuição para a elucidação do conceito de representação social. Ela diz que a representação social é a “verbalização das concepções que o indivíduo tem do mundo que o cerca”.¹⁸ Na sociedade contemporânea há uma necessidade de expor nossos pontos de vista diariamente. Na verdade, essa necessidade sempre existiu em outras sociedades.

A realidade social, como é apontada pela teoria das representações sociais, é criada apenas nos processos pelos quais eles passam de não-familiar para familiar na medida em que ela perde a novidade, se torna socialmente conhecido e real. Isso acontece devido ao fato do resultado dessa transformação da realidade ser inovadora no cotidiano das pessoas. Quando o que é estranho se torna familiar fica muito mais interessante lidar com ele e o medo da perda dos referenciais habituais se vai.¹⁹ É comum rejeitar aquilo que não faz parte do que nos pertence, existe um enorme receio de que o padrão de pensamento de uma sociedade seja quebrado e que suas vivências não tenham uma continuidade. Mas apesar do medo, as sociedades estão em constante mudança, sempre tornando o não-familiar em familiar.

¹⁷ SÁ, Celso P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 26.

¹⁸ LANE, Silvia T. M. Usos e abusos do conceito de Representação Social. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 59.

¹⁹ SÁ, Celso, op. cit., p. 37.

As representações sociais são a matéria-prima para construção social da realidade. A realidade é construída socialmente. Define-se realidade como “uma qualidade pertencente a fenômenos que reconhecemos terem um ser independente de nossa própria volição (não podemos ‘desejar que não existam’)”.²⁰ Desse modo, esses termos se tornam tão importantes seja para um homem comum ou para um filósofo, ambos lidam com essas questões de maneira diferenciada. O homem comum, chamado “homem da rua”, simplesmente vive no mundo que é “real” para ele, já o filósofo levantaria questionamentos acerca desta “realidade”.

Temos dificuldade em passar de uma realidade para outra. Por exemplo, a realidade de um sonho é diferente da realidade vivida. Quando acordamos de um sonho, existe um conflito em nossa mente até percebermos que acordamos. Essa consciência vem depois de um choque. Considera-se que a realidade predominante é a realidade da vida cotidiana. Nela existem vários objetos ordenadamente organizados para entrarem em “cena”. Os objetos adquirem sentido de acordo com a linguagem utilizada na vida cotidiana. Assim a linguagem ganha significado na vida em sociedade.²¹ A realidade da vida cotidiana é a própria realidade.

As representações sociais também dependem de interações sociais. Todas as expressões e palavras representadas reciprocamente tendem a possuir um sentido maior quando existe uma experiência “face a face”. Geralmente as pessoas se comunicam realmente e melhor quando o fazem pessoalmente. E essa realidade faz parte da vida cotidiana, “entretanto, só se torna real para mim no pleno sentido da palavra quando o encontro pessoalmente”.²² Desse modo, as pessoas tem a necessidade de sempre se representarem mutuamente.

1.3 O DOCENTE UNIVERSITÁRIO E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

²⁰ BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985, p.11.

²¹ *Ibid.*, p. 38.

²² *Ibid.*, p. 47.

Assim como vivemos num mundo marcado por representações, o professor e sua função também compõem o universo dessas representações. O conceito de representação social é construído culturalmente sobre o docente universitário na medida em que sua função é exercida diretamente na relação do processo de ensino-aprendizagem, bem como no exercício de sua função ele é responsável pela constituição de outras representações. Os desafios que os professores enfrentam são inúmeros e o mercado de trabalho tenta encaixotá-lo de acordo com suas exigências. Frequentemente os professores estão criando representações sociais em relação a valores e atitudes e a teoria das representações sociais vem para contribuir com elementos da prática social que resultam em elementos da instituição educacional.

Segundo Moscovici²³, as representações sociais “devem ser vistas como uma maneira específica de compreender e comunicar o que nós já sabemos”. Quando se trata do professor, ele precisa de um conhecimento prévio para “comunicar” o conhecimento.

Existe hoje uma real preocupação com as competências pedagógicas do professor universitário. Assim como há uma preocupação com suas relações com os alunos, com a instituição de ensino que ele trabalha e com outros professores do seu convívio. A relação professor-aluno estima ser a principal delas e existe uma importante contribuição na construção das representações sociais dessas relações. As representações sociais norteiam em todo o tempo as práticas educativas do docente, e é através de seu estudo que essas práticas são aprimoradas.

2 JUSTIFICATIVA METODOLÓGICA

2.1 A ESCOLHA DA ABORDAGEM QUALITATIVA

A metodologia articula os conteúdos, os pensamentos e a existência dos fenômenos. São teorias e técnicas que questionam e constroem a realidade. A metodologia deve ser clara, coerente, elaborada e capaz de transformar teoria

²³ MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003, p. 46.

em prática, mas é a criatividade do pesquisador que evita conclusões abstratas.²⁴ Para realizar uma pesquisa, é preciso ter sempre uma pergunta inicial, algo com a pretensão de ser solucionado. Cria-se uma teoria, e a partir dela os dados são coletados, organizados e analisados.

Para compreendermos o fenômeno aqui estudado, que é conhecer a teoria das Representações Sociais e o papel do docente universitário, encontramos na Análise Qualitativa o procedimento metodológico mais apropriado a ser utilizado. Segundo Minayo, a pesquisa qualitativa está relacionada a questões muito particulares. A autora diz que esse tipo de pesquisa

se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.²⁵

Na presente pesquisa nos deteremos à escuta dos sujeitos, tentando compreender quais as representações que apresentam sobre o tema explanado. Aqui estudaremos os discursos de professores e alunos sobre a percepção do papel do professor.

Na pesquisa qualitativa não existem receitas e fórmulas preestabelecidas para orientar os pesquisadores, ao contrário do que acontece nos levantamentos e nas pesquisas experimentais em que os procedimentos analíticos podem ser anteriormente definidos. Dessa forma, os dados analisados nesse tipo de pesquisa dependem muito mais do estilo e da capacidade do pesquisador do que simplesmente de dados numéricos. Na

²⁴ MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 16.

²⁵ *Ibid.*, p. 21-22.

análise qualitativa o ser humano é fundamental e dispensa maiores recursos.²⁶

Ainda na companhia de Minayo entendemos que a metodologia faz parte da visão social, pois o método é o próprio processo de desenvolvimento das coisas. “A metodologia inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador”.²⁷ Dessa forma, metodologia e ciência caminham juntas.

2.2 A ESCOLHA DO QUESTIONÁRIO

Para tanto organizamos um questionário que será respondido por professores e alunos. O questionário pode ser definido como uma técnica de investigação que reúne questões com o objetivo de obter informações de determinadas pessoas sobre conhecimentos, anseios, valores, perspectivas, interesses, aspirações, medos, vontades, comportamentos atuais ou não, entre outros dados considerados “qualitativos”. Geralmente os questionários são sugeridos aos respondentes por escrito. O questionário oral é mais aplicado à entrevista. Na construção do questionário, transformamos nossos objetivos de pesquisa em questões específicas.

Esses questionamentos nos “permite ultrapassar a simples descoberta para, através da criatividade, produzir conhecimentos”.²⁸ Deve haver uma aproximação mínima com os sujeitos a serem estudados. “É fundamental consolidarmos uma relação de respeito efetivo pelas pessoas e pelas suas manifestações no interior da comunidade pesquisada”.²⁹ Essa cordialidade proporciona uma interação também efetiva, onde as informações serão mais facilmente cedidas viabilizando futuras pesquisas, assim como um retorno dos resultados alcançados.

²⁶ GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Editora Atlas, 2008, p. 175.

²⁷ MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999, p. 22.

²⁸ NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 52.

²⁹ *Ibid.*, p. 55.

O questionário possui vantagens, mas também limitações. Mesmo assim, consideramos que as vantagens do questionário sobrepõem suas limitações, por isso a escolha do mesmo. Os sujeitos pesquisados que responderão aos questionários serão professores e alunos universitários. A escolha dos sujeitos foi feita de forma aleatória, independente do curso e da universidade que lecionem ou estudem. Não faremos nenhuma análise desse universo. O único pré-requisito é que os alunos e professores sejam universitários, e a partir de suas respostas comporemos a análise qualitativa buscando compreender a representação que revelam sobre o papel do professor.

Os discursos dos professores e alunos serão analisados e interpretados numa tentativa de conhecer o papel do docente universitário a partir das representações sociais que os alunos e eles mesmos fazem de si. Serão realizados dois tipos de questionários com perguntas direcionadas a cada público-alvo. Um questionário foi elaborado pensando nos alunos e o outro pensando nos professores. No total serão questionados seis indivíduos, sendo eles três professores e três alunos. Os alunos serão identificados como A1, A2 e A3 e os professores como P1, P2 e P3.

Na construção do questionário, transformamos nossos objetivos de pesquisa em questões específicas. As perguntas foram elaboradas a fim de encontrarmos nas respostas dos sujeitos os dados necessários para compreendermos suas percepções no universo da Representação Social sobre o professor universitário. O modo como foram formuladas as perguntas deve estar diretamente relacionado com o conteúdo das respostas. As perguntas devem ser claras, possibilitando uma única interpretação, ou seja, não se deve confundir o pesquisado.

No que diz respeito à forma, optamos por fazer questões abertas. O número de questões depende da complexidade do tema e da quantidade dos objetivos. No questionário, devem-se aplicar apenas as questões estritamente necessárias para atender os objetivos da pesquisa, pois se forem feitas perguntas aleatórias, os respondentes podem se sentir no direito de não ter que respondê-las.³⁰ Na presente pesquisa foram elaboradas dez perguntas em

³⁰ GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Editora Atlas, 2008, p. 127.

sua totalidade: quatro perguntas para o questionário direcionado aos alunos e seis perguntas para o questionário direcionado aos professores.

No questionário para os alunos, a intenção maior não foi investigar como o discente universitário percebe seu professor em particular, mas como percebe os professores universitários. Já no questionário direcionado aos professores, a principal finalidade foi identificar como os mesmos se percebem.

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A partir das respostas dos questionários de alunos e professores universitários, construímos, de acordo com a teoria das Representações Sociais, a percepção que os alunos e professores apresentam sobre o professor universitário. Com base nessa teoria compreendemos que os indivíduos estão sempre querendo personificar suas ideias, suas palavras, etc. E essa personificação está ancorada em nossa mente, do que vivemos no passado, presente e, quem sabe, futuro.

Assim através das respostas apontadas por professores e alunos, temos a compreensão de como revelam essas percepções sobre o docente universitário e do seu papel no desenvolvimento do aprendizado do aluno, bem como da visão que a sociedade em geral tem do professor universitário. Para efeito da apresentação e análise desses dados trataremos os alunos de A1, A2, A3 e os professores de P1, P2 e P3.

Apesar do senso comum não produzir verdade científica, ele gera conhecimento nas práticas sociais independente de investigações mais detalhadas. É um tipo de saber que está no alcance de todos, o que as pessoas comuns conhecem e usam no seu cotidiano. No senso comum, a qualidade da formação profissional do docente é uma característica essencial e indispensável para os alunos.

Quando perguntado aos alunos sobre o que eles consideram ser as três principais *características do professor universitário*, o A1 respondeu que o professor precisa ser dinâmico, atencioso e informado. O A2 ressaltou o mestrado e o doutorado como pré-requisitos de uma boa formação, assim como a importância da flexibilidade e concessão de diálogos em sala de aula,

ou seja, a livre comunicação entre alunos e professores. O A3 avalia que alguns professores até se consideram “deuses” por serem tão rígidos e exigentes.

Os professores foram questionados sobre *o que eles consideram ser suas principais funções*, o saber transmitir o conhecimento adquirido e a sua integração com a pesquisa foram as respostas mais comuns. O P1 afirmou que um professor precisa ser pensador, pesquisador e transmissor de conhecimentos. O P2 resumiu suas principais funções em docência, pesquisa e extensão essencialmente. O P3 também considera importante como função do professor a transmissão de conhecimento, só que de modo dialogado.

Pensando na realidade do *professor como profissional*, podemos construir através dos questionários o caminho que a maioria dos professores percorre até chegar ao meio acadêmico. A maioria deles se tornam professores universitários porque começam a se interessar pela área da pesquisa, ainda na graduação, da pesquisa ingressam no mestrado, e através do mestrado surge a oportunidade de ensinar. Não foi diferente com os professores aqui questionados.

O P1 se tornou professor universitário quando ingressou no Mestrado em Sociologia, ele nunca separou a atividade de professor com a de pesquisador. É o que ilustra a fala do P2 que diz que era inicialmente professor do Ensino Básico e também estudante de mestrado. Nesse período surgiu a oportunidade de substituir um professor na universidade em que estudava, e a partir de então não saiu mais da área. Esse também foi um dos motivos do P3 ter se tornado professor universitário. Ele viu nessa profissão a possibilidade de uma boa entrada no mercado de trabalho.

É interessante perceber que mesmo com tantos professores optando pela docência universitária no mestrado, muitos cursos de mestrado não preparam o professor para a sala de aula, bem como na apresentação do conteúdo a ser lecionado. Não existe docência sem pesquisa, mas só a pesquisa não é suficiente. Além do dom inato, existem técnicas de ensino e estratégias que o mestrado não proporciona, pelo contrário, muito deles focam somente na pesquisa.

A pós-graduação sempre esteve ligada à pesquisa desde a reforma universitária, que nasceu e se desenvolveu no âmbito do movimento estudantil, a docência vinha como consequência. “A pós-graduação esteve associada, nas suas origens, ao propósito de formação de pesquisadores que, desde o início, eram empregados como docentes dos cursos superiores”.³¹ É bem verdade que essa articulação entre pós-graduação e pesquisa à carreira docente produziram mudanças qualitativas no magistério universitário, mas professores-pesquisadores precisam se empenhar mais no que venha a ser um professor em sala de aula. Por isso é comum termos muitos professores que conhecem bem a sua área, mas “não sabem passar” o conteúdo.

É o que dizem os alunos quando questionados acerca do que *caracteriza um bom professor*. O A1 diz que é fascinante quando o professor consegue transmitir a informação ao ouvinte. Para o A2, uma das marcas de um bom professor universitário seria desenvolver o senso crítico nos seus discentes. O A3 também vê a necessidade do professor ter segurança ao “passar o assunto”. Ele enfatiza que o professor deveria compreender mais o aluno em suas dificuldades de aprendizado, principalmente no início do curso, ou no início de um conteúdo, uma vez que aquilo é novo para ele.

Nessa interação entre professor e aluno, surgem as representações sociais, pois esse tipo de representação também depende de interações sociais. As palavras e as expressões trocadas são representadas reciprocamente e possuem um sentido maior quando são proferidas num diálogo “face a face”. É bem mais fácil duas pessoas se entenderem quando conversam pessoalmente, muitas vezes as palavras escritas acabam sendo mal interpretadas e mal compreendidas. Por isso que no ensino à distância ainda existem muitas limitações.

Essa realidade faz parte da vida cotidiana. As pessoas precisam desse contato físico para ter a certeza que aquilo que está sendo falado é real. Muitos consideram palavras escritas como documento, e diversas vezes são, “entretanto, só se torna real para mim no pleno sentido da palavra quando o

³¹ CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta; FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 184.

encontro pessoalmente”.³² A partir dessa relação de interação, as pessoas tem a necessidade de sempre se representarem mutuamente.

Quando perguntamos aos professores se *ser professor universitário foi sua escolha profissional*, a maioria respondeu que sim. O que muda é o caminho percorrido de cada um até chegar à confirmação da profissão. E existem professores que exercem a profissão mesmo sem ter certeza que é essa sua vocação, ou até mesmo sem ter referências, como é o caso do P1. A fala do P2 explica que ser professor sempre foi um projeto de vida e profissional. O P3 ainda repensa se esse é o “seu lugar” profissional já que tem pouco tempo de atuação na universidade, mas considera que atuar como professor foi uma consequência de um investimento em sempre querer estudar, transmitir conhecimento e compartilhar aprendizados aos demais.

O professor no exercício de sua função é responsável pela constituição de outras representações. Essas representações são refletidas em seus alunos. O professor tem várias funções além de lecionar. Quando questionados *se a docência universitária era sua principal função*, todos os professores responderam que sim. Mesmo com a falta de estrutura e com muitas dificuldades, a maioria dos professores continua se dedicando exclusivamente à sua profissão.

O P1 diz que a docência universitária é a sua principal e única função. O P2 e o P3 também responderam que a docência universitária também são suas principais funções. O P3 respondeu que desde que ingressou na universidade federal, é professor de dedicação exclusiva.

Professores universitários são frequentemente levantados como representantes enquanto educadores, nem sempre por eles mesmos, mas muitas vezes por seus alunos. Quando os *alunos foram questionados se eles gostariam de ser professores universitários*, a maioria respondeu que sim. Mas apesar disso é comum rejeitar aquilo que não faz parte do que nos pertence. E mesmo com o medo, as sociedades estão em constante mudança, sempre tornando o não-familiar em familiar.

³² BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 47.

Para tonar o não-familiar em familiar, o A1 disse que se tornaria professor universitário para falar com mais clareza ao aluno. O A2 foi o único que disse que não seria professor universitário, mas mesmo assim quer ser professor só que o público-alvo dele são as crianças. A fala do A3 ilustra que sua intenção em se tornar professor universitário seria uma forma de dar continuidade aos seus estudos e ao aprendizado, o que tão comumente acontece.

Podemos inferir que a sociedade intervém nestas construções através de pensamentos e ideias sobre determinados assuntos em relação aos objetos sociais aos quais elas estão envolvidas não é apenas uma opinião aleatória ou isolada. O sujeito teve que articular e combinar vários questionamentos para chegar a essa opinião. Ele teve que criar uma lógica própria, com várias implicações, incorporando valores e experiências vividas individualmente ou em grupo.

Na tentativa de entender como a sociedade percebe o professor universitário, perguntamos aos próprios professores *como acham que a sociedade percebe sua profissão*. O P1 considera que a sociedade atual, de certo modo, vê o professor doutor ainda com um relativo prestígio social. Pessoas que possuem mestrado e doutorado ainda são frequentemente consideradas intelectuais de grande importância social.

É o que também ilustra a fala do P2. Ele explica que a sociedade o vê de forma positiva porque a docência no Ensino Superior ainda parece ter bastante respaldo social. O P3 esclarece que a sociedade o vê com certo respeito, pois consideram uma profissão digna e pouco valorizada.

Quando *questionamos os alunos à respeito da importância do professor universitário* para a sua formação, as respostas foram surpreendentes. Todos reconhecem a fundamental importância do professor em suas formações. Na fala do A1 pode-se confirmar essa ideia. O A1 afirma que são os professores quem mostram o caminho a ser percorrido, são eles quem fazem as indicações corretas, quem ensinam técnicas e métodos para seguir.

O A2 explica que o conhecimento do professor direciona o aluno a ir além daquilo que lhe é proposto em sala de aula. Ele pensa que o incentivo ao desenvolvimento do senso crítico é um dos grandes fatores que os formam

como indivíduos reflexivos e mais autônomos daquilo que a escola no ensino básico os proporcionou. O A3 desconsidera a hipótese de existir educação sem um professor, um tutor, alguém que guie o aprendizado. Ele considera o professor o eixo fundamental para a formação do discente.

Assim como os alunos foram questionados acerca da importância do docente universitário para a sua formação, *os professores também foram questionados sobre a importância do seu trabalho para a formação do discente*. Apesar dos alunos terem seus professores como fundamentais, e até mesmo como “espelho”, o P1 pensa que, em geral, aumentou muito o desinteresse dos alunos pela formação intelectual. O objetivo maior parece ser a conclusão do curso e a obtenção do diploma.

O P2 considera que o trabalho docente é tão importante para a formação profissional dos discentes nas áreas as quais escolheram como também é útil no processo de amadurecimento psicossocial e político dos estudantes. P3 também considera extremamente importante, pois ele disse que foi assim que ele chegou a ser professor em uma universidade federal com crítica, reflexões e exigindo qualidade para ele e para seus alunos.

Segundo Anastasiou e Pimenta, a educação na universidade implica em preparar os jovens para que eles se elevem ao nível da civilização atual

A finalidade da educação escolar na sociedade tecnológica, multimídia e globalizada, é possibilitar que os alunos trabalhem os conhecimentos científicos e tecnológicos, desenvolvendo habilidades para operá-los, revê-los e reconstruí-los com sabedoria. O que implica analisa-los, confrontá-los, contextualizá-los. Para isso, há que articulá-los em totalidades, que permitam aos alunos ir construindo a noção de “cidadania mundial”.³³

Atualmente existe uma real preocupação com as competências pedagógicas do professor universitário. Assim como há uma preocupação com

³³ ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; PIMENTA, Selma Garrido. Didática e construção da identidade de professores do ensino superior. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; PIMENTA, Selma Garrido. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002, p. 81.

suas relações com os alunos, com a instituição de ensino que ele trabalha e com outros professores do seu convívio. Existem relações que podem ser melhor compreendidas se estudadas, não que elas precisem de uma solução, mas se nos aprofundarmos em sua pesquisa poderemos colocar em prática alguns questionamentos, como é o caso das representações na relação professor-aluno.

CONCLUSÃO

A partir desse estudo podemos perceber que a teoria das representações sociais oferece respaldo teórico no que se refere à percepção que a sociedade atual tem do professor universitário. Na sala de aula o professor representa a mediação entre o aprendizado e o aluno. Ele não é um mero colaborador, e sim mediador, ele estudou com este objetivo a fim de alcançar tal finalidade. A mediação não é aleatória, é planejada.

No decorrer das aulas, os alunos vão criando uma imagem do professor. Essa criação acontece a partir do contato com professores. Desse modo, os alunos percebem as representações do papel docente, ou seja, o que os professores representam para eles. As representações sociais orientam em todo o tempo as práticas educativas do docente, e é através de seu estudo que essas práticas são aprimoradas.

Debruçando-nos no tema, chegamos à conclusão do quanto foi importante a coleta e análise dos dados obtidos através dos questionários. Ao analisarmos as respostas dos alunos e professores, pudemos ter uma compreensão mais exata e peculiar da compreensão de como o docente universitário se representa em seu papel.

O professor universitário atualmente reconhece como sua principal função implica em saber transmitir o conhecimento adquirido e sua integração com a pesquisa científica. É através do interesse pela área de pesquisa que alunos de graduação e de mestrado se tornam professores universitários. Mas vimos que somente a pesquisa não é suficiente, os alunos questionam que muitos professores conhecem bem o conteúdo, porém não “sabem passá-lo”.

Mesmo com as dificuldades e com a falta de estrutura presentes, a maioria dos docentes continua se dedicando exclusivamente à sua profissão. A sociedade percebe a profissão do docente universitário com um certo prestígio social. Aqueles que possuem mestrado e doutorado ainda são vistos como os intelectuais da sociedade.

Os professores universitários entendem que seu trabalho é importante para a formação do discente. Os alunos também reconhecem os docentes universitários como importantes para a sua formação. Os discentes dizem que os professores precisam ser dinâmicos, atenciosos, informados, possuidores de mestrado ou doutorado, proporcionar diálogos em sala de aula, compreensivos, dispostos a ajudar e que não exijam a perfeição dos alunos, uma vez que nem eles mesmos são.

Ao analisarmos a percepção dos alunos, vimos que em sua opinião, o que caracteriza um bom professor é o seu domínio ao conseguir transmitir o conhecimento teórico, quando ele consegue desenvolver senso crítico nos seus alunos, levando-os à reflexão demonstrando assim seu domínio das disciplinas ministradas.

Tudo que aprendemos é porque antes alguém nos mostrou o caminho desse conhecimento. “Ninguém põe em dúvida a necessidade de ensinar, entre as coisas úteis, todas aquelas que são necessárias à vida”.³⁴ E com o professor não aprendemos somente aquele conteúdo previsto em seu plano de aula, muitas vezes impostos por seus superiores, mas aprendemos instrumentos essenciais para fazermos parte da vida em sociedade.

Pode-se concluir que o docente universitário atravessa um momento social cheio de desafios no que diz respeito à sua representação. Os professores ao chegarem à docência universitária trazem inúmeras experiências e os alunos estão ansiosos pelo aprendizado. Por fim, encerramos com a contribuição de Masetto para que através desse estudo os professores universitários possam refletir no que consiste seu papel:

Só recentemente os professores universitários começaram a se conscientizar de que seu papel de

³⁴ HOURDAKIS, Antoine. *Aristóteles e a Educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p.131-132.

docente do ensino superior, como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor, ou ainda apenas o exercício de uma profissão. Exige tudo isso, e competência pedagógica, pois ele é um educador.³⁵

ABSTRACT

This project intends to evaluate and understand how a Professor represents yourself in his own role, meaning in his teaching function, and how the contemporary society notices him. In order to achieve this matter, we have researched through the analysis in the theory of social representations the understanding of how we notice appropriately this Professor and what his students and general society think about his role, functions and performance. We have found in the Qualitative Analysis the methodological procedure that fits this research's objectives the best. In order to achieve and approach those results, we have decided to apply surveys to Professors and students in order to interpret their answers based on the theory of social representations, as an attempt to reveal how students and teachers conceive the role of the academic student. This way we have defined the construction of the university student role.

21

KEYWORDS

Social Representation; University Teaching; Contemporary Society.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; PIMENTA, Selma Garrido. Didática e construção da identidade de professores do ensino superior. In: ANASTASIOU.

³⁵ MASETTO, Marcos Tarciso. Competência Pedagógica do Professor Universitário. São Paulo: Summus, 2003, p. 13.

Lêa das Graças Camargos; PIMENTA, Selma Garrido. *Docência no ensino superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

BERGER, Peter. L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

CASTANHO, S. Sobre professores marcantes. In.: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (orgs). *Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior*. Campinas: Papirus, 2001.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta; FIGUEIREDO, Luciano e GREIVAS, Cynthia (orgs.). *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo, Editora Atlas, 2008.

HOURDAKIS, Antoine. *Aristóteles e a Educação*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

LANE, Silvia T. M. Usos e abusos do conceito de Representação Social. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Competência Pedagógica do Professor Universitário*. São Paulo: Summus, 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, Márcio. S. B. S. Representações sociais e sociedades: a contribuição de Serge Moscovici. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 180-6, jun. 2004.

SÁ, Celso P. *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis: Vozes, 1996.

SÁ, Celso P. Representações sociais: o conceito e o estado atual da teoria. In: SPINK, Mary Jane P. (Org.). *O conhecimento do cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

WEIR, Peter. *Sociedade dos Poetas Mortos*. Produção de Peter Weir. EUA: Abril Video, 1989. Filme (128 minutos).